

Com a palavra, o aluno: a exposição oral na esfera acadêmica

Ana Virgínia Lima da Silva

Abstract: In this paper we discuss the operations of (re)textualization of written texts to academic oral expositions produced by undergraduate students. Our aim is to analyze the connections between the comprehension of written texts and the quality of the oral expositions. The theories of Marcuschi (2001) and Dolz *et al.* (2004) support the analysis. The results demonstrate the importance of the comprehension and the value of the slides for effective production of academic oral expositions.

1. Introdução

Os gêneros produzidos na esfera acadêmica, em situações de ensino-aprendizagem, servem como instrumentos para a construção de saberes e para a formação profissional a partir da interação entre alunos e professores. Eles são, em geral, produzidos com base um ou mais textos disponibilizados aos alunos. Nesse sentido, exige-se dos estudantes universitários a capacidade de produzir gêneros a partir de um ou mais textos de origem, sem prejudicar o sentido desses textos, ou seja, a capacidade de *retextualizar*.

Segundo Marcuschi (2001) e Dell'Isola (2007), retextualizar é transformar um texto em outro do mesmo gênero ou de gênero distinto, mantendo a base informacional do texto de origem.

Dentre os gêneros presentes na esfera acadêmica, frequentemente a exposição oral ocorrida em sala de aula e apresentada por alunos resulta da retextualização: 1) de

textos teóricos (textos-base), produzidos por especialistas; 2) de textos de apoio que podem ser expostos em *handouts*, *slides* eletrônicos produzidos em computador e/ou imagens. A produção de exposição oral acadêmica exige habilidades de leitura e escrita, pois os estudantes são desafiados a compreender textos para embasar sua apresentação e, como lembram Dolz *et al.* (2004), eles precisam elaborar textos escritos para orientar sua exposição.

Neste artigo discutimos os efeitos da compreensão de textos-base sobre a qualidade da produção de exposição oral acadêmica, a partir da análise dos procedimentos de retextualização de um texto-base para uma exposição oral.

Dado o espaço destinado ao presente trabalho, explicitamos a análise de parte de uma exposição produzida por uma estudante do primeiro ciclo de Letras de uma universidade brasileira. A exposição analisada é representativa de um *corpus* de 33 que fazem parte de nossa pesquisa de

doutorado sobre os processos de retextualização ocorridos na produção do referido gênero. Essas exposições foram realizadas no primeiro ciclo de diferentes cursos. Elas foram gravadas em vídeo e, posteriormente, transcritas conforme as normas do Projeto NURC¹.

Com base em Dolz *et al.* (2004), apresentamos a seguir as principais características da exposição oral. Em seguida, explicitamos contribuições de Marcuschi (2001) para o tema da retextualização e, então, apresentamos a análise.

2. A exposição oral na esfera acadêmica

Para Dolz *et al.* (2004a) a exposição oral é um gênero do formal, em que os estudantes se dirigem a um público de modo estruturado, transmitindo-lhe informações, descrevendo ou explicando o tema da sua apresentação. Podemos assim afirmar que os estudantes buscam persuadir o público sobre o que expõem ou, ao menos, convencer o professor da leitura do(s) texto(s)-base da apresentação.

Dolz *et al.* acrescentam que na exposição oral há, de um lado, o expositor que se dirige a um grupo de destinatários veiculando informações referentes a um

determinado tema de interesse comum e, de outro, os destinatários que buscam aprender algo com a exposição oral. Para tanto, o expositor pesquisa sobre o tema a ser apresentado, o que o configura como um especialista em comparação aos destinatários, com quem ele mantém uma relação assimétrica. Tal relação é amenizada pelo expositor quando ele considera os conhecimentos do público, suas expectativas e interesse.

Entre as características linguísticas do gênero, nota-se o emprego de marcadores de estruturação do discurso (*portanto, sobretudo, etc.*), de organizadores temporais (*então, no momento, etc.*) e dos tempos verbais. O expositor articula as partes temáticas, sinaliza as ideias principais das secundárias, explica descrições. É comum o uso de exemplos, paráfrases e reformulações com o objetivo de reafirmar ou esclarecer o que é dito (DOLZ *et al.*, 2004).

Quanto à estrutura, a exposição oral se organiza da seguinte forma, de acordo com Dolz *et al.* (2004):

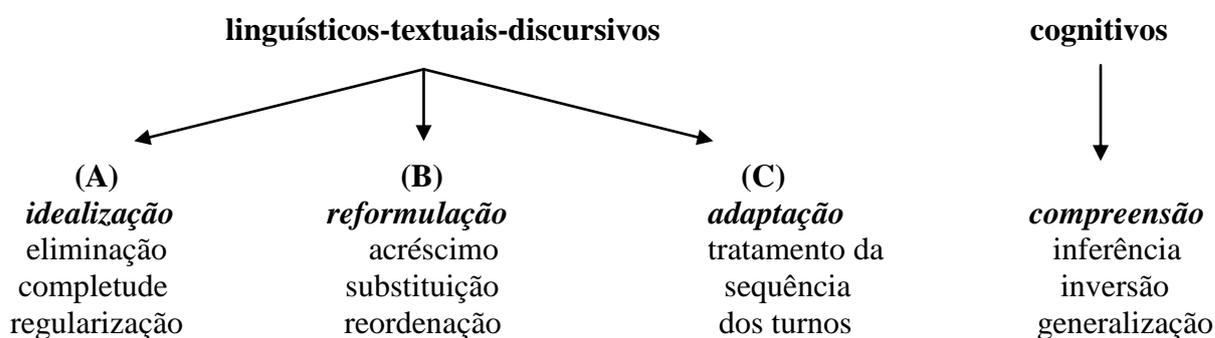
- 1) *Abertura*, em que o expositor se anuncia como tal e introduz algumas considerações iniciais sobre o que será apresentado; explicita o tema; apresenta os objetivos e ideias que guiam a exposição;

¹As normas para transcrição podem ser visualizadas em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/normas_para_transcricao.htm

- 2) *Desenvolvimento do assunto*, em que o expositor explicita informações, posicionamentos, discussões e, porventura, instiga o público a refletir sobre pontos do tema tratado; recapitulação e síntese do que foi apresentado;
- 3) *Conclusão*, a qual pode confirmar ou não inferências geradas pelos participantes durante a apresentação do texto;
- 4) *Encerramento*, momento em que o expositor pode agradecer, declarar explicitamente que a exposição terminou e/ou perguntar aos destinatários se eles têm alguma questão, comentário, sugestão a fazer, etc.

3. As operações de retextualização

Como produto de retextualização, a exposição oral é constituída por algumas operações que revelam, de modo mais ou menos explícito, suas relações com o texto-base. Marcuschi (2001), ao discutir sobre a transformação de textos orais em escritos, apresenta algumas operações de retextualização, explicitadas a seguir:



O autor explica que os blocos (A) e (B) referem-se às operações e processos de natureza linguística-textual-discursiva e ao código, interferindo também no discurso. O bloco (C) refere-se às operações de citação, isto é, ao tratamento dos turnos na fala. O bloco (D), por sua vez, é constituído pelas operações cognitivas que

ocorrem em conjunto com as demais operações.

Essas operações nos fornecem uma base importante para a análise do processo de retextualização e para verificarmos a existência de outras operações em exposição oral acadêmicas. Dentre as operações apresentadas por Marcuschi

(2001) identificamos as seguintes no *corpus* de nossa pesquisa:

- *eliminação* de conteúdo;
- *substituição* de conteúdo;
- *acréscimo* de conteúdo;
- *reexposição oral* *denominação tópica*.

Além dessas operações, verificamos outras relativas a partes do texto-base e assim denominadas:

- *retomada* integral de ideias, na forma de citação ou de discurso indireto;
- *condensação* de ideias;
- *paráfrase*.

Verificamos ainda operações referentes ao que é dito anteriormente na própria exposição oral, quais sejam:

- *reformulação* de conteúdo;
- *construção* de opinião;
- *inserção* de exemplo.

Apresentamos a seguir a análise das operações de retextualização de uma exposição oral que, como dissemos anteriormente, é representativa do total de exposições que fazem parte da nossa pesquisa.

4. Do texto-base aos *slides* e à exposição oral

Nesta zona, verificamos os modos de utilização dos *slides* na exposição oral e,

em seguida, as operações de retextualização do texto-base para as exposições orais. As unidades temáticas do texto-base retomam a macroestrutura e plano textual do mesmo; o conteúdo dos *slides* eletrônicos é destacado nas tabelas em pontilhado; nas retextualizações explicitamos a transcrição da exposição oral analisada. Comparamos as relações semânticas entre o conteúdo retextualizado do texto-base com as relações semânticas estabelecidas na exposição.

UNIDADE TEMÁTICA 1 DO TEXTO-BASE

Título: **(1a) “Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino” [TÓPICO]**

“Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino – (Adair Bonini, UNISUL, 2005)” –
primeiro slide

RETEXTUALIZAÇÃO 1

((olha para os interlocutores))
bom...bom...bom dia gente...é...meu nome é D... essa é a V... e essa é a S...((apontando para as colegas do grupo)) e a gente vai apresentar o texto do Adair Bonini..

[INTRODUÇÃO E

APRESENTAÇÃO DO GRUPO

((lê o *slide* “Os gêneros do jornal”)) **(1b) que chama os gêneros do jornal... questões de pesquisa e de ensino...** tá dando

para todo mundo ver (não tá dando)? [APRESENTAÇÃO DO

TEMA]

((faz sinal para que a colega mude de *slide*)) ((olha para o *slide* “Introdução” e, em seguida, para os

interlocutores)) bom...então
primeiro (...)

Na retextualização 1 a expositora apresenta os componentes do grupo de alunas que irão expor o texto-base. Ela também situa os interlocutores sobre o texto que será tratado. O título do texto-base é retextualizado na forma de retomada, com a função de contextualizar a exposição, situando assim os interlocutores.

É interessante perceber o movimento da expositora em olhar para os interlocutores e depois lê o *slide*, o que indica interação com o público e uso desse recurso como apoio para a apresentação.

UNIDADE TEMÁTICA 2 DO TEXTO-BASE

7. AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE MARCUSCHI [TÓPICO]

7.1. Marcuschi se preocupa em relacionar gênero e suporte, mas caracteriza-os como elementos bastante independentes.
[SUBTÓPICO 1]

7.2. (1a) Marcuschi classifica os suportes em 'convencionais' (2a) (elaborados para portarem ou fixarem textos) (1a) e 'incidentais' (ocasionais ou eventuais, podendo ser ilimitadamente realizados na relação com os textos escritos).
[SUBTÓPICO 2]

Convencionais (livro, revista, jornal, etc.) – tópico 4

Incidentais (tronco de árvore, muro, corpo humano, etc.) – tópico 5

7.2.1. Marcuschi não aprofunda a relação entre gênero e suporte.
[CRÍTICA]

RETEXTUALIZAÇÃO 2

((alterna o olhar entre o *slide* “O suporte” e os interlocutores)) depois ele ((o autor do texto)) (1b) **faz uma distinção entre gêneros** ((leia-se “suportes”)) (1b) **convencionais ... e incidentais...**
[TÓPICO]

((olha para os interlocutores)) (2b) **os convencionais seriam aqueles que foram... criados especificamente para aquilo...** como a folha de papel...é:: a folha de jornal... [SUBTÓPICO 1]

((alterna o olhar entre os *slides* e os interlocutores)) e os incidentais seriam... o tronco de árvore... o muro... o corpo humano...
[SUBTÓPICO 2]

A expositora trata sobre os tópicos 4 e 5 do *slide* “O suporte”. Os comentários na transcrição confirmam o uso dos *slides* como recursos para a exposição oral, uma vez que a expositora alterna o olhar entre esses recursos e os interlocutores, posicionando-se como especialista que comunica algo a um auditório.

O subtópico 2 da unidade temática do texto-base é transformado em tópico na retextualização 2, mas isso não causa problemas para a exposição oral, pois esse subtópico, embora se configure como tal, parece constituir a ideia mais importante de uma parte do texto-base.

Entre os trechos 1a e 1b, destacados na unidade temática e na retextualização,

respectivamente, ocorre a operação de substituição a fim de expor o conteúdo. A primeira substituição que ocorre é “Marcuschi” por “ele” (se referindo ao autor do texto-base), o que altera significativamente o sentido da ideia expressa, pois se atribui a responsabilidade enunciativa ao autor do texto-base. Essa ideia, na verdade, se refere a um autor externo, mencionado no texto-base para introduzir um conteúdo. A segunda substituição ocorrida é “classifica por “faz uma distinção”. Embora essas duas expressões não sejam, em geral, semanticamente equivalentes, nessa retextualização é aceitável que uma delas seja utilizada em substituição a outra.

Porém, a substituição de “suportes” por “gêneros” ocasiona problemas para a exposição oral, uma vez que esses são elementos, inclusive, diferenciados no texto-base. Já “convencionais e incidentais” é mantido tal como no texto-base. Percebemos problemas de compreensão do texto-base que interferem na exposição oral, uma vez que o conteúdo retextualizado não corresponde ao que é dito por esse texto.

Por outro lado, entre os fragmentos 2a e 2b ocorre a paráfrase que demonstra compreensão do conceito de “suportes convencionais”. Além disso, a expositora

revela uma posição ativa frente à leitura do texto-base e da exposição oral através da inserção do subtópico 2, que exemplifica os “suportes incidentais”. Ambas as operações possuem a função de explicitar o conteúdo do texto-base.

Após a apresentação de conceitos-chave, com base nos *slides* projetados, a expositora apresenta exemplos sobre o conteúdo. Esses exemplos são elaborados a partir do texto-base ou a partir da própria compreensão da expositora.

UNIDADE TEMÁTICA 4 DO TEXTO-BASE

6.6. Marcuschi discute a relação entre gênero e suporte. [TÓPICO]

6.6.1 *Citação*: importância de diferenciar gênero de suporte, o que nem sempre ocorre com precisão.

(1a) Ex: outdoor, que não é um gênero, mas um suporte público para vários gêneros. [TESE]

Distinção entre suporte e gênero (ex.: *outdoors*) – tópico 3

RETEXTUALIZAÇÃO 4

((olha e aponta para o *slide* “Exemplo *outdoor*”) aí eu coloquei alguns exemplos... no caso do outdoor... ((olha para os interlocutores)) **(1b) vo/ você não pode falar que o OUTDOOR é um gênero... porque ele engloba... vários gêneros... [TESE]**

Na unidade temática 3 o ponto “3” funciona como tópico e “3.1.” com subtópico. A relação de tese se mantém entre os fragmentos 1a e 1b. A retextualização, nesse caso, se dá pela

paráfrase, que reafirma a ideia do texto-base, uma vez que a expositora utiliza o pronome com valor genérico “você” e faz uma afirmação categórica, marcada pela modalização deôntica “não pode”. Desse modo, ocorre adesão da expositora ao conteúdo do texto-base.

Após apresentar o conteúdo do texto-base, a expositora relaciona o conteúdo com imagens que servem como exemplos. Construídos a partir da inserção, os exemplos ilustram o conteúdo do texto-base e são expostos em *slides*. Interessante perceber, na exposição desses exemplos, o movimento da expositora em olhar e apontar para os *slides*, o que indica que eles são utilizados como apoio para a exposição. É importante destacar o uso dos exemplos como recurso para o enriquecimento desta exposição oral, como meio de, na condição de *actante*, a quem é atribuída a ação e a responsabilidade, agir como *ator* sobre o texto-base, nos termos de Bronckart (2006).

Nessa exposição, a estudante apropria-se do papel de especialista do texto-base apresentado, pois comunica o conteúdo desse texto aos seus interlocutores e emprega exemplos para ilustrar o que é comunicado.

As operações utilizadas indicam a compreensão parcial do texto-base. Apesar

de alguns problemas explicitados anteriormente, em sua maioria as operações de retextualização apontam que a expositora compreendeu globalmente o texto, o que favoreceu a produção de uma exposição oral de qualidade considerando-se a proposta que motivou sua realização.

5. Palavras finais

A partir da discussão, são fortes os de que exposições orais eficazes podem depender tanto da compreensão dos textos-base quanto do desempenho do estudante na produção verbal (escrita e oral) para a divulgação de trabalhos acadêmicos.

O estudo realizado aponta, ainda, para a necessidade de investimento na capacitação dos graduandos para que eles produzam exposições orais eficazmente e de focalização os papéis desses estudantes como participantes da esfera acadêmica, considerando a relevância desses papéis. Não se pode perder de vista que a exposição oral é um instrumento significativo para a atuação dos estudantes na esfera acadêmica. Não só no Ensino Superior, como no desempenho de diversas profissões, esses estudantes necessitam realizar apresentações orais, como lembram Dolz *et. al.* (2004).

Referências bibliográficas

Bonini, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: Karwoski, Acir Mario *et al.* *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005, p. 61-77.

Bronckart, Jean Paul. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Machado, Ana Rachel; Matencio, Maria de Lourdes Meireles. (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

Dell'Isola, Regina L. Péret. *Retextualização de textos escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Dolz, Joaquim; Schneuwly, Bernard; De Pietro, Jean-François de e Zahnd,

Gabrielle. A exposição oral. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Glaís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 215-246.

Marcuschi, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.